



GT 36. Espiritualidades, pluralismo e saúde

Coordenador(es):

Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 2

Debatedor/a: Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 3

Debatedor/a: Nicolas Viotti (CONICET)

A relação entre espiritualidade e saúde é recorrente nas práticas e experiências das mais diversas cosmologias e tradições religiosas. Discutir esta relação, a partir de aportes teóricos e de contextos empíricos diferenciados, é o objetivo do GT aqui proposto. Neste sentido, esperamos reunir trabalhos que abordem as imbricações entre estes dois campos, tendo como foco as mediações rituais, simbólicas e materiais que concorrem para a produção da experiência do sagrado e os agenciamentos terapêuticos que visam alcançar a cura e o bem-estar físico e mental dos praticantes. Ao centrar nosso olhar nos processos de cura, queremos enfatizar as dimensões materiais e corporais da espiritualidade para além da especificidade das tradições ou cosmologias religiosas em que estes processos acontecem. Ao mesmo tempo, queremos compreender o agenciamento terapêutico como indexador da eficácia da espiritualidade e como referência para a sua legitimação social e sua institucionalização em contextos não religiosos. Ou ainda, como ancoragem para a adesão dos praticantes aos coletivos de práticas de espiritualidade e produção de subjetividades específicas no contexto diversificado do pluralismo religioso. Por fim, entendemos que a realidade plural das terapias associadas à espiritualidade requer uma pluralidade de perspectivas analíticas.

Práticas Terapêuticas religiosas: A Busca pela Cura no Rio de Janeiro

Autoria: Adrielle Macêdo Fernandes da Silva (Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz), Márcio L. Mello (Fiocruz)
Júlia Fleury (UFRJ)

O work descreve uma pesquisa qualitativa com características etnográficas em que foram realizadas entrevistas com líderes e frequentadores de duas religiões afro-brasileiras (Umbanda e Candomblé), como uma forma de investigar de que maneiras os indivíduos vivenciam o processo saúde-doença nestes espaços religiosos localizados na cidade e região metropolitana do Rio de Janeiro. A medicina oficial é o método que os indivíduos mais confiam em relação ao tratamento de enfermidades, porém, mesmo com tanta hegemonia, esse modelo biomédico isoladamente não é capaz de atender a todas as necessidades de todas de saúde da população. Com isso, os indivíduos buscam outras maneiras de tratar suas doenças. Essas práticas não-oficiais podem ser chamadas de terapêuticas populares e/ou religiosas. Ao pesquisar sobre essas práticas, é possível ter ênfase não só nos aspectos físicos relacionados ao processo saúde-doença mas também considerar os aspectos sociais, culturais e psicológicos que levam os enfermos e suas famílias a buscarem a cura para suas enfermidades nesses locais. Muitos procuram auxílio nas terapêuticas religiosas, principalmente no Brasil que possui uma ampla variedade cultural e religiosa. A partir dessa premissa, investigamos alguns rituais de cura da Umbanda e do Candomblé. Em ambas, os processos de cura são feitos



a partir de muitas rezas e simbologias próprias, ervas medicinais, ingredientes alimentares específicos, além dos próprios rituais, dentre outros elementos. A metodologia envolveu revisão bibliográfica, observação participante, descrição etnográfica, transcrição e análise de entrevistas, estas gravadas por áudioe/ou vídeo. Com base nesses dados, foi possível ter acesso às histórias de vida de líderes e frequentadores que relataram que a cura para as doenças é um dos maiores motivos para a procura dessas religiões. Esse aspecto demonstra o quanto a cultura influencia no tratamento de enfermidades e em todo o processo de significação da saúde e doença. A partir disso, ressaltamos a importância da complementação da medicina oficial hegemônica com os aspectos sociais, culturais, psicológicos, enfatizando as religiões como uma forma de potencializar os tratamentos e curas. A reflexão sobre as relações entre os serviços de saúde, as diferentes formas de cultura, as variadas religiões, a sabedoria popular precisam ser aprofundadas. A valorização da sabedoria popular presente nas terapêuticas religiosas, sem dúvidas, pode vir a somar muito à medicina oficial e contribuir para melhorias nas políticas públicas de saúde do país, sobretudo em nos tempos atuais.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: